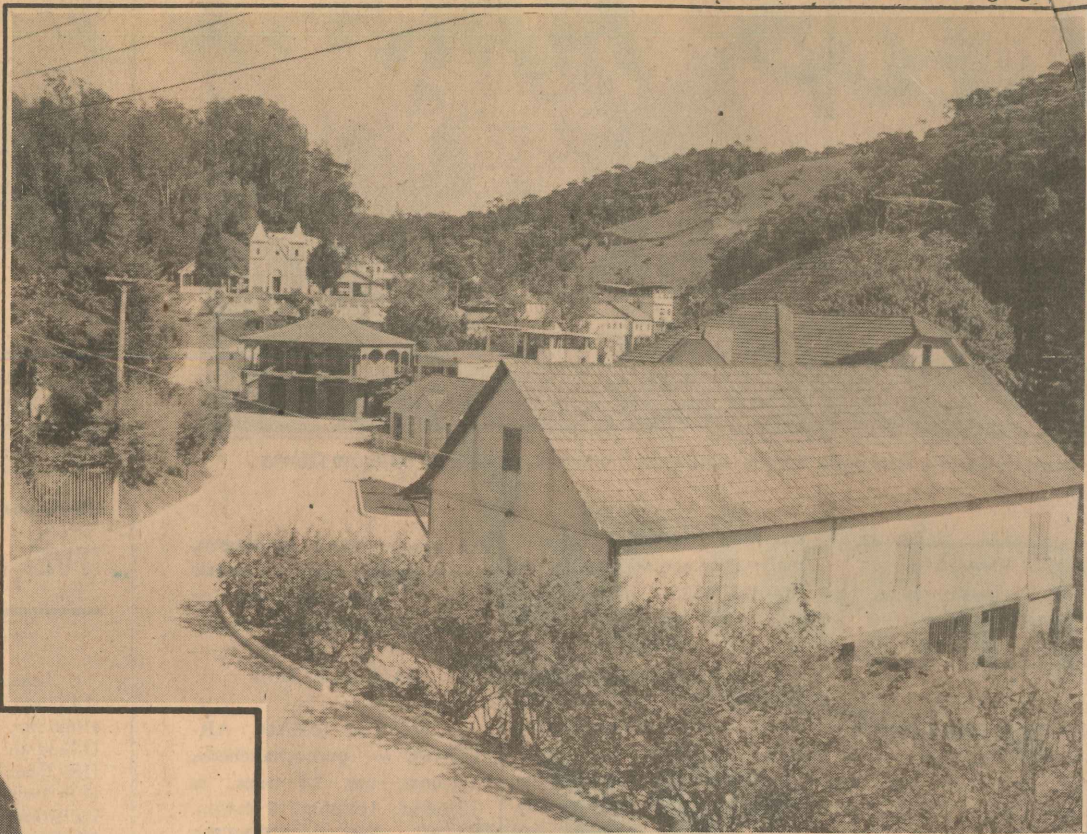


PARAJU *A209039*

Uma região bonita e ainda inexplorada



A cidade é bonita, limpa e pouco movimentada

Pequeno e bucólico, Paraju é um distrito de Domingos Martins, onde, por volta de 1847, se fixaram os primeiros imigrantes da Prússia Renana. A localidade ainda guarda toda a tradição européia, tanto no cultivo da terra quanto nas festas religiosas — até hoje com um grande número de participantes e incentivadores.

E foi justamente a festa de Corpus Christi que tornou Paraju conhecida. A confecção de tapetes de flores pela comunidade — verdadeiras obras de arte — atrai um grande número de visitantes ao lugarejo. No resto do ano, no entanto, Paraju é esquecida.

Nem todo o bucolismo e a beleza natural de algumas cachoeiras, além do clima de montanha (localiza-se a 700 metros de altitude) são capazes de atrair um fluxo turístico para o local. Por sua vez, o distrito não oferece a menor infra-estrutura, limitando-se a uma imensa área para montar acampamento.

FRIO

Segundo a líder da comunidade, Florinda Maria Stein, este ano não tem feito o frio costumeiro, onde a temperatura pode oscilar entre os 3° e 5° C à noite. "O inverno parece que ainda não chegou por aqui. A mínima este ano foi de 13° C, mas deve baixar um pouco já que nos próximos meses a tendência é que o frio fique mais intenso".

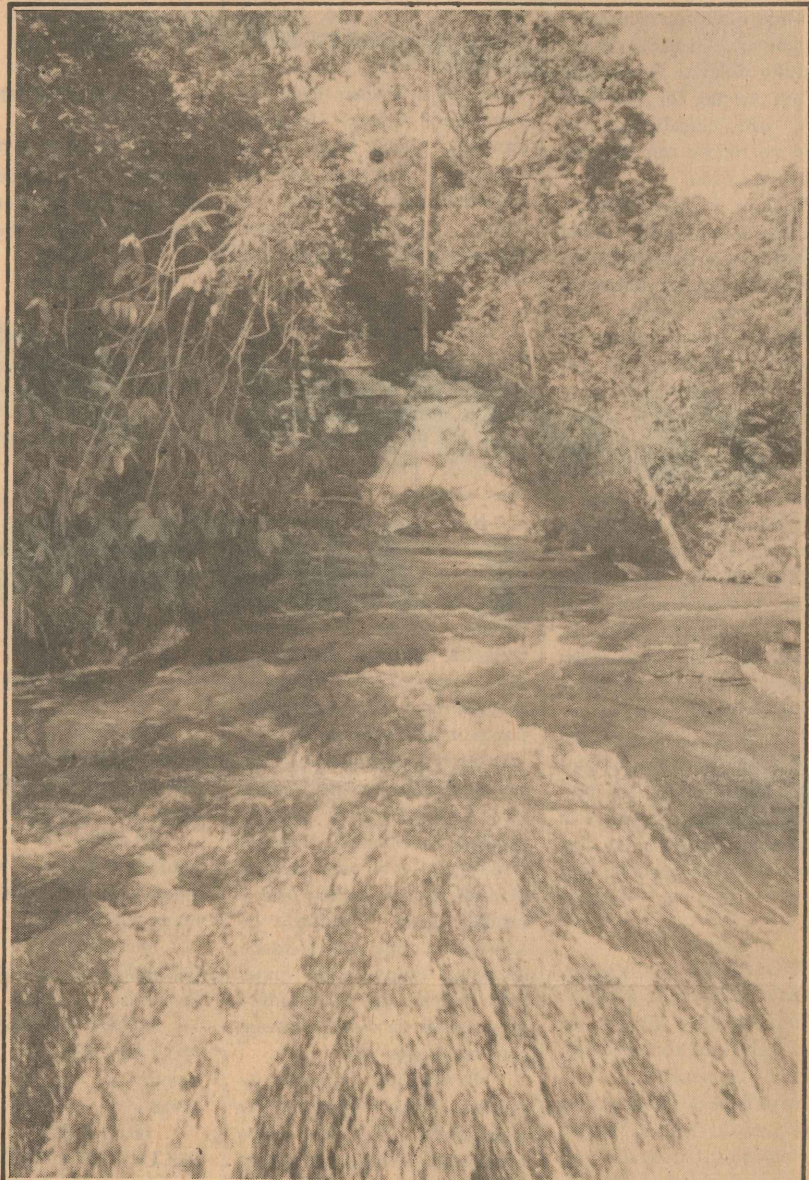
— Normalmente, às 10 horas da manhã não se vê o sol, tão densa é a neblina. Esse ano, no mesmo horário, o sol já está

Paraju é um local pouco conhecido e que apresenta um excelente clima. Localizada a 75 quilômetros de Vitória, é ideal para quem quer montar um acampamento e ter contato direto com a natureza. O lugarejo não oferece muita estrutura (principalmente na parte de hospedagem), mas a beleza da região e o povo, sempre hospitaleiro, são os pontos de atração, além dos vinhos de laranja, jabuticaba e carambola.

Alex Fernandes



Galdino Erlcher: "O vinho é tão bom que nós bebemos tudo"



Muitos locais em Paraju ainda não foram explorados pelo homem

Segundo Galdino, existe | quadro local. Uma boa lembrança

FRIO

Segundo a líder da comunidade, Florinda Maria Stein, este ano não tem feito o frio costumeiro, onde a temperatura pode oscilar entre os 3° e 5° C à noite. "O inverno parece que ainda não chegou por aqui. A mínima este ano foi de 13° C, mas deve baixar um pouco já que nos próximos meses a tendência é que o frio fique mais intenso".

— Normalmente, às 10 horas da manhã não se vê o sol, tão densa é a neblina. Esse ano, no mesmo horário, o sol já está queimando.

As ruas são quase mortas e, nos pequenos botequins, algumas pessoas se juntam para falar sobre o plantio, alta de preços e a vida do campo em geral. E nesse clima a cachaça é o que não pode faltar.

TERRA

O povo de Paraju é dos mais zelosos com a lavoura e em cada casa, na roça ou na cidade, existe sempre uma pequena horta, suficiente para a manutenção da alimentação diária. "Aqui todo mundo planta alguma coisa em sua casa. Dá de tudo, já que o clima e a terra são dos mais propícios", diz Florinda Stein.

Segundo ela, o clima possibilita uma boa colheita de laranja, tangerina, jabuticaba, carambola, uva, abacate, pêssego, ameixa, figo e morango.

— De uns tempos para cá (mais precisamente há três anos) o pessoal resolveu plantar café. Hoje todo mundo se dedicou ao café e ao feijão, dois produtos ainda comercializáveis, já que os outros não são mais lucrativos.

No início Paraju se notabilizava pela chamada "lavoura branca" — cereais e hortaliças — e pela grande quantidade de granjas. Mas hoje a situação está totalmente alterada devido aos constantes aumentos do preço da lavoura. "Acaba não compensando para o pequeno granjeiro esse tipo de negócio. Só restaram os grandes granjeiros, mesmo assim

hospedagem), mas a beleza da região e o povo, sempre hospitaleiro, são os pontos de atração, além dos vinhos de laranja, jabuticaba e carambola.

Alex Fernandes

ainda escorados no plantio de café, conta ela.

INDUSTRIALIZAÇÃO

Como não há comércio para as frutas (a não ser a laranja e o abacate, mesmo assim em pequena escala) o Incra passou a promover um curso de conservação e industrialização caseira de cereais e frutas. Um total de 45 pessoas se submeteu aos treinamentos.

— Essa é uma forma de fazer com que o pessoal do interior possa comercializar seus produtos (compotas, pickles), levando-os para a sede do município. Esse projeto deve se concretizar ainda este ano.

O único produto da região fabricado em maior escala (mas ainda assim limitado ao uso particular) é o vinho, seja ele de laranja, jabuticaba ou carambola. Entre os fabricantes, nomes como Jacó Klipell, Olendino Faller, Atacílio Majevsky e Néelson Tikppen, todos eles bastante populares na região, embora não haja qualquer segredo na elaboração dos vinhos.

Na opinião de Galdino Ignácio Erlcher, a comercialização é impossível, já que o produto não tem preço de mercado. "O trabalho é muito e acaba não compensando o esforço", conta ele.

Inclusive, nenhum fabricante produz uma quantidade que suporte a entressafra. A produção, sempre doméstica, visa atender às necessidades da família e dos amigos — "que nessas horas sempre aparecem". E é nessa de amizade que muitos litros chegam a Campinho ou mesmo a Vitória.



Em Goiabeiras, uma queda de quarenta metros

Outro produtor, Nelson Tikppen, atribui a não comercialização do produto ao preço do açúcar. "Nesse preço que está, não pode mesmo dar lucro, senão teríamos que encarecer o vinho e ninguém compraria", diz ele.

Galdino Erlcher acrescenta a este, outro problema: "O vinho é mesmo bom e a gente acaba bebendo tudo mesmo".

Os vinhos mais populares são os de jabuticaba e de laranja. O primeiro pode ser feito duas vezes no ano, em janeiro e em novembro. Já o de laranja, considerado o mais delicioso, é produzido apenas em agosto e, como a procura é imensa por parte dos amigos, acaba logo.

FABRICAÇÃO

Em Paraju todo mundo sabe como se faz o vinho e não há se-

quer um morador que não possua um litro em sua casa.

Um dos vinhos de maior aceitação é o de Galdino Erlcher, que dá a receita: depois de cortada e espremida a laranja, coloca-se o caldo num vasilhame e coase, para que não fiquem as impurezas. Despeja-se numa bacia com água, na proporção de quatro por um (a água deve estar morna) e coloca-se mais 30% de açúcar. Assim, em cada 100 litros, 80 são de laranja e 30 de açúcar. Caso se queira adoçar mais, não existem empecilhos para a adição de mais açúcar. Após essa operação, mexe-se (de preferência com as mãos) e deixa-se descansar num tonel de 100 litros (de madeira ou plástico), com uma pequena entrada de ar, durante 90 dias. A entrada de ar é para que haja uma saída do vapor no processo de fermentação, que geralmente dura 75 dias.



Muitos locais em Paraju ainda não foram explorados pelo homem

Segundo Galdino, existe apenas um segredo: não se pode deixar o vinho em local onde tem gente, que atrapalha o processo de fermentação. Ele não sabe ao certo a razão, mas a coisa funciona mesmo, garante. Outro segredo, para quem gosta de um vinho menos licoroso, é deixá-lo descansar por mais tempo no tonel.

BUCOLISMO

Mas Paraju não se resume apenas aos poucos produtos não comercializáveis. Existem pontos de rara beleza, como é o caso da cachoeira de Goiabeiras, localizada a oito quilômetros do centro do distrito. A queda tem cerca de 40 metros e o visual é dos mais bonitos. Pena que a área ainda esteja inviolada, o que impede muita gente de chegar mais perto e banhar-se.

Subindo um pouco mais, outras cachoeiras, de porte menor mas de fácil acesso. Nas águas, límpidas e geladas, uma boa oportunidade para se divertir e admirar a natureza, o verde intocável do local.

No rio Jucu a pesca é somente praticada no verão (especialmente em dezembro e janeiro). Segundo Gabriel Schunk, um dos moradores locais, no rio dá de tudo, especialmente robalo, traíra, cará e piaba.

— Dá também bagre e cascudo, especialmente porque, no fundo do rio, há muitas pedras. Mas nessa época a água está muito fria e os peixes praticamente desaparecem. Na época de verão dá peixe demais nesse lugar.

No centro do distrito, apenas uma igrejinha e poucas casas (umas 20 famílias) compõem o

quadro local. Uma boa lembrança da cidade são as peças de artesanato em croche, tricô e flores artificiais, com palha de milho, folha de bananeira e bucha, geralmente expostas nas épocas de festas.

Em termos de hospedagem apenas a Pousada Bela Vista oferece alguma coisa, com seus cinco apartamentos e uma cozinha verdadeiramente doméstica. Além do Corpus Christi, outras festas atraem visitantes, como é o caso do carnaval, à base de sanfona ou das festas de fim de ano, com um almoço comunitário (todo o distrito numa grande mesa) que termina de madrugada com um forró.

Além de Paraju, o distrito ainda apresenta outros dois povoados, o de Peroba e Ponto Alto, todos basicamente do mesmo tamanho e com o mesmo ritmo de vida.

Quem gosta de flores, pode assistir a um maravilhoso espetáculo nos jardins da cidade, com rosas, azaléas, dalias, bico-de-papagaio, lustrosa, margaridas, veludos e flor-de-mel. São essas as flores que, em maio, enfeitam os dois quilômetros de rua de Paraju num imenso tapetecom feccionado pela comunidade.

ACESSO

Para chegar a Paraju existem três vias de acesso, localizadas entre os quilômetros 40 e 60 da BR 262. A melhor delas (a mais nova) fica no Km 54 e tem cerca de oito quilômetros.

Para quem for de ônibus, os horários são os seguintes: Vitória — Paraju — às 14h30m e 19 horas; Paraju-Vitória — às 6 e 7 horas, pela viação Boa Vista.